

## Entrevista a Tiago Sequeira, presidente do Departamento de Gestão e Economia "Gestão e Economia tornaram-se cursos muito competitivos"

Em entrevista ao Urbi, Tiago Sequeira, presidente do Departamento de Gestão e Economia (DGE), fala sobre a reestruturação das licenciaturas e também das inovações introduzidas ao nível de pós-graduações, mestrados e doutoramentos. O docente lembra ainda alguns projectos em curso e defende a publicação científica.

**Catarina Rodrigues e Eduardo Alves**

**Urbi- O Departamento de Gestão e Economia comemorou 25 anos e apresentou novidades ao nível curricular das licenciaturas. Era uma mudança necessária?**

**Tiago Sequeira** – Era uma mudança necessária, sem dúvida. A licenciatura em Gestão apresentava uma duração de cinco anos, o que a desenquadrava, em certa medida, das licenciaturas semelhantes ministradas noutras Universidades, e que apresentavam uma duração de quatro anos. Por outro lado, esta transformação tem a ver com a nossa adaptação a Bolonha. Um elemento inovador que nos aproximou das grandes escolas de Economia e Gestão é o facto de oferecermos agora um grande leque de opções aos alunos. Neste momento, em termos de Gestão e Economia somos a segunda escola que mais opções oferece aos alunos. No sentido da adaptação a Bolonha, os cursos são de "banda larga", seguindo a tendência internacional e oferecendo ao futuro licenciado um aprofundado conhecimento técnico mas também uma grande capacidade de adaptação a novos desafios, elemento essencial de uma carreira de sucesso.

**U- Os alunos que entram agora já vão frequentar o curso reestruturado?**

**T. S.** – Vamos entrar com o primeiro ano da nova estrutura, quer para o curso de Gestão quer para Economia. Há mudanças que tiveram de ser feitas para adaptar as pessoas que já estavam dentro dos currículos e portanto essas pessoas vão agora, através de uma tabela de correspondências, frequentar as novas disciplinas da nova estrutura tendo em conta todo o esforço que já fizeram na estrutura antiga. As licenciaturas em Gestão e em Economia da UBI tornaram-se muito competitivas no País.

**U- Como vê a diminuição do número de alunos?**

**T. S.** – É uma situação que tem de ser vista como uma realidade complexa. Nós aqui estudamos, entre outras coisas, as forças competitivas. Também no caso da colocação dos estudantes há muitas forças competitivas, que nos fizeram obter este resultado. Cada vez mais, temos de passar a informação referente à reestruturação dos cursos, feita a pensar nas necessidades que vão surgindo. Este meio é de facto muito competitivo. Uma das razões para que o número de lugares por preencher seja elevado deve-se ao facto de a UBI, na licenciatura em Gestão ser uma das Universidades que mais vagas oferece a nível nacional. Outra coisa que condiciona os nossos



"Uma universidade tem de criar ciência"

resultados é a proximidade com outras entidades que também leccionam cursos de Gestão. Na Economia, já não é bem assim. Se tivermos presentes os resultados a nível nacional vemos que a maioria das Universidades, mesmo as tradicionais, ficaram com vagas por preencher, nomeadamente o ISCTE e o ISEG, a Universidade de Coimbra e outras. Esta é uma situação que tem de preocupar em primeiro lugar o Governo, que não exerce o seu poder regulamentar. Nós fizemos todos os esforços de divulgação que estavam ao nosso alcance. Infelizmente estas acções não foram suficientes para preenchermos todas as vagas, mas isso não é um drama, porque temos consciência que oferecemos programas de qualidade.

**U- Já no caso do Marketing, a situação muda de figura?**

**T. S.** – Ai foram preenchidas todas as vagas e com uma média muito boa comparativamente aos outros cursos de Marketing. É um curso com menos vagas e somos uma das duas Universidades a leccionar o Marketing como licenciatura. Temos aqui uma vantagem, uma vez que só o ISCTE e a UBI ministram a licenciatura em Marketing no Ensino Superior Público.

**U- Acha que o número de vagas nos outros cursos devia diminuir?**

**T. S.** – Temos de ter alguma atenção ao que as outras Universidades vão fazer nesse domínio. Não me agradaria que o número de vagas em Gestão diminuísse uma vez que é um curso tradicional na UBI, um dos dois primeiros desta instituição, e portanto vamos tentar manter o número de vagas, mas isso é uma negociação que se faz todos os anos com o ministério da tutela e está ao nível central da Universidade. Esta licenciatura tem todas as condições para se afirmar. Temos mais de 50 por cento do corpo docente doutorado nas mais diversas áreas da Gestão e o que faz com que praticamente todas as cadeiras sejam regidas por doutores. Para além de tudo isto, oferecemos aos alunos um acompanhamento mais personalizado, porque somos uma Universidade relativamente pequena e os docen-

tes têm o cuidado de acompanhar os alunos. Oferecemos ainda um leque alargado de opções que me parece mais uma vantagem a juntar às anteriores.

**U- Um leque alargado às pós-graduações, aos mestrados e aos doutoramentos.**

**T. S.** – Por uma questão de gestão de recursos humanos e porque o Tratado de Bolonha assim o exige organizamos e alargamos a oferta em relação às pós-graduações, de acordo com o que fizemos nas licenciaturas. A grande inovação foi o lançamento do programa de doutoramento em Gestão, que é pioneiro na UBI como programa de doutoramento com parte lectiva, seguindo a política que se pratica noutras Universidades, nomeadamente, nos Estados Unidos da América e no Norte da Europa e algumas Universidades em Portugal. Este programa está a ser um sucesso porque já conseguimos, pelo menos, oito candidaturas, sob as quais ainda estão a decorrer, nos órgãos competentes, os trâmites para a aceitação ou não das mesmas. Somos a terceira Universidade a oferecer um programa de doutoramento em Gestão e contamos para isso com a colaboração de professores da prestigiada Universidade Autònoma de Barcelona, com a qual o DGE mantém uma relação privilegiada.

**U- Defende a publicação de artigos em revistas científicas. Como está a UBI e em particular o DGE a esse nível?**

**T. S.** – A evolução no DGE é bastante positiva. A UBI precisa de melhorar nesta matéria, no seu conjunto. Este departamento está a fazer o seu esforço. Continuo a defender que a publicação em revistas científicas acreditadas pelos nossos pares, quer nacionais, quer internacionais é o essencial que distingue uma Universidade de uma outra escola. A Universidade tem de criar ciência, e a criação de ciência faz-se através da criação de patentes, em algumas áreas, e da publicação de artigos científicos em revistas com processo de arbitragem independente (*referees*). Este Departamento não é uma escola à parte, está integrado na UBI que deve fazer algo

mais nesta matéria. Dados concretos são aqueles que fazem referência aos projectos que estão a decorrer no DGE, nomeadamente, dois projectos aprovados pela Fundação para a Ciência e Tecnologia (FCT). Por outro lado, o número de artigos científicos tem vindo a aumentar, e temos agora pelo menos dois artigos publicados na base de dados do Internacional Science Index (ISI). Temos exemplos de sucesso de publicações que tiveram origem na UBI, embora o corpo doutorado não publique tanto como seria desejável.

**U- Quanto aos projectos da FCT que referiu, pode avançar mais pormenores?**

**T. S.** – Um está relacionado com a gestão da informação e outro com a relação entre a educação e o crescimento económico. Em todos colaboramos com outras instituições, o que é muito importante, visto estarmos inseridos na comunidade científica. Para dar alguns exemplos das nossas parcerias em Portugal, estamos ligados às Universidades de Évora, Coimbra e Nova de Lisboa. Em Espanha temos ligações com as Universidades de Valladolid, Salamanca e com Cáceres. Num destes projectos participa também um investigador da Universidade de Essex, de Inglaterra.

**U- O Departamento tem vindo a criar parcerias com a sociedade civil, nomeadamente ao nível do Petur. Há outros estudos e ligações nesta área?**

**T. S.** – Esse projecto é um óptimo exemplo da relação que nós temos de ter com o meio empresarial. Prestamos um serviço ao exterior, nomeadamente na avaliação da competitividade desta região em termos turísticos. Também elaborámos um estudo sobre o Regadio da Cova da Beira e outros. Sempre que as empresas e a sociedade civil nos solicitam colaboração nós fazemo-lo com muito gosto.

**U- Qual o balanço feito sobre a acção pioneira do Observatório para o Desenvolvimento Económico e Social?**

**T. S.** – Este organismo tem desenvolvido uma análise dos indicadores económicos e tem construído informações para auxiliar a sociedade civil. Mas na maior parte dos casos estes projectos estão dependentes dos financiamentos que existem e neste momento estamos a reavaliar o projecto, no sentido da sua continuidade. Os resultados que o Observatório produziu são bastante positivos, daí estarmos a encetar todos os esforços necessários no sentido de continuar com esta estrutura no seio da UBI.

## perfil



Tiago Miguel Guterres Neves Sequeira nasceu na Covilhã, cidade que sempre foi do seu agrado. Durante os primeiros anos de vida deslocou-se para a cidade de Santarém, de onde regressa em idade de integrar o ciclo escolar. Toda a escolaridade é feita na "cidade neve", passando pelas Escolas Frei Heitor Pinto e Campos Melo. Tiago Sequeira acaba por ingressar na UBI, na licenciatura de Economia. Em 1999 termina o curso e concorre ao programa de doutoramento em Economia da Faculdade de Economia da Universidade Nova de Lisboa onde é aceite. "Frequentei-o até 2004, data em que defendi a minha tese de doutoramento", refere. Um estudo "acerca da relação entre o capital humano, o crescimento económico e a riqueza dos países".

O início da carreira de docente e investigador começa então na capital. Tiago Sequeira trabalha na sua tese de doutoramento e assume também funções de assistente estagiário na Faculdade de Economia da Universidade Nova de Lisboa. Mesmo em Lisboa não perdeu a sua ligação à UBI, "nem à cidade de origem". Ainda em 2001 assume uma bolsa da Fundação para a Ciência e Tecnologia que lhe permite a dedicação, em exclusivo, à tese de doutoramento. "Sempre gostei muito da UBI e ao abrir um concurso para assistente estagiário do DGE em 2002, candidatei-me e fui seleccionado". Sequeira regressa assim à Beira Interior. A passagem a professor assistente é feita "depois de ter prestado provas de aptidão científica e pedagógica". No ano passado "concluí o meu doutoramento e assumi o lugar de professor auxiliar", explica. É autor de vários trabalhos de investigação na área da Macroeconomia e do Crescimento Económico, um dos quais publicado numa revista da *Berkeley University Press*, nos EUA. É investigador integrado no INOVA, unidade de investigação em Economia da Universidade Nova de Lisboa, financiado pela FCT. Tiago Sequeira, com 28 anos, é actualmente presidente do Departamento de Gestão e Economia.

Nos tempos livres, este docente gosta de viajar, fazer natação e ler. Um homem de contas e números que se interessa, sobretudo, por romances. Entre os títulos recentes que lhe foram mais marcantes destaca "Equador" de Miguel Sousa Tavares.